



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

Quando você tira um inimigo político para brigar forte, primeiro veja se ele não tem um amigo fortão.



FABIOLA FREIRE ALBRECHT/ESPECIAL/JC

HISTORINHA DE SEXTA

A vaquinha que buzina

Quando lembro dos meus tempos de adolescência, uma das cenas que me vem ligeirinho na vitrina da minha cabeça é o cinema de rua das sextas-feiras, cortesia do Sesi. A rua em que eu morava era a Coronel Antônio Inácio, casa 303, em Montenegro, e o cinema improvisado ficava a menos de 50 metros. Era uma noite duplamente feliz, porque além do filme “de grátis”, geralmente bom, era a véspera do final de semana, o sábado que antecede o domingo - importante, porque depois do meio-dia já pintava um clima de meia-tristeza porque lá vinham as segundas-feiras com aulas do Ginásio São João Batista. Esse abatimento vinha após o almoço de domingo e das sobremesas e comidinhas que minha mãe fazia. Mas ainda estou na sexta, tudo era bom, depois eu conto quais eram.

Logo que nós nos mudamos para lá, a rua ainda não tinha calçamento, era um areião só. O seu Beck, que tinha uma filha deslumbrante que cegava de tanta beleza, armava a tela em cima do muro do lado oposto onde havia um terreno baldio. Quinze minutos antes das 20h, nenhum carro podia passar, o que não causava grandes problemas, porque no início dos anos 1960 levava horas para passar um carro que não fosse do meu pai. A gente levava cadeira de casa, outros sentavam no chão mesmo. E lá vinham os filmes de cowboy, ou caubói como dizíamos, de Tarzan o Rei dos Macacos, do Jim das Selvas e, vez que outra, um filme espanhol cujo personagem principal era um burro falante, o Platero. Outro era italiano, com o padre Dom Camilo e o comunista Peppone, comédia. Dom Camilo era o francês Fernandel, com uma dentadura que parecia limpa-trilhos de trem.

Gritávamos, assoviávamos, muitas vaias para o bandido. Como disse o filósofo Ortega Y Gasset, o homem é o homem e suas circunstâncias.

Terminado a “fita”, como se dizia, se ia contente para casa porque vinha o sábado batendo na porta, sem pedir licença para entrar. Nada de aula, maravilha, basquete ou um jogo chamado spiribol, uma bola presa com uma corda pregada no alto. Eu era DJ - acreditam? - no serviço de alto falantes do Ginásio São João Batista. Na minha alentada discoteca, um 78 RPM com o Hino Nacional e, no verso, o Hino da Bandeira - quem se lembra dele hoje? -, e um único LP com os Irmãos Bertussi. O microfone dava choque, quando eu abria os serviços.

Ah sim, voltando às sobremesas e comidinhas. Gelatina de framboesa com creme de baunilha, torta de bolacha, uma novidade na época, e o pudim da dona Felicitas Avelina Selbach-Albrecht. Ninguém fazia igual, apesar dos inúmeros amigos que diziam que o da mãe deles era melhor. Galinha ensopada com ervilhas, massa caseira, e vou confessar, meu pé enfiado na jaca: purê de batata. A mãe gostava de Malzebier, o pai do vinho e eu me esbaldava no Guaraná Frisante da Brahma.

Um detalhe naqueles verdes anos era a vaquinha que entregava leite a granel nas esquinas. Consistia em um tanque inox transportado por uma caminhonete, que parava em determinadas esquinas e o motorista acionava uma buzina estridente que significava “a vaquinha chegou!”. Era leite pasteurizado de primeira, vinha da usina do DEAL na cidade, Departamento Estadual de Abastecimento de Leite. As donas de casa, então, corriam levando um vasilhame. O pagamento era na hora, barato. Naquela época aprendi que pasteurizar o leite era levá-lo da temperatura ambiente até 72 graus em 13 segundos, matava a bicharada toda e conservava o produto sem azedar.

Às vezes me ponho a pensar como naquele tempo coisas simples traziam felicidade e, hoje, a lembrança delas traz tristeza.

O canto que aquece e dá paz

Em toda estância, grande ou pequena, o galpão que abriga a peonada sempre tem um fogo amigo com múltiplas serventias. Serve como lareira, churrasqueira - no caso, normalmente utilizando uma trempe e não espeto... A chaleira sempre tem água quente para o chimarrão (“Enquanto a chaleira chia/O amargo vou cevando”) e sempre na espreita para fazer um reconfortante café. Aliás, pra fazer café de chaleira basta jogar nela uma brasa ou tição. Ainda há quem chame lenha de pau de fogo.

Entre o mar e o rochedo...

...quem se estrepa é o marisco, diz um antigo provérbio. A taxa de 50% sobre os produtos brasileiros determinada pelo presidente Donald Trump vai punir severamente as empresas brasileiras. E a diplomacia brasileira comeu mosca, porque há horas o presidente americano vinha dando sinais que o caso Bolsonaro, cedo ou tarde, levaria a uma vendeta.

Vai longe essa peleia

Se o presidente Lula aplicar reciprocidade nas tarifas impostas pelos Estados Unidos aos produtos brasileiros pode, provavelmente, levar Donald Trump a aumentar os 50% em cima da tarifa brasileira, como está prometido na carta aberta que o americano mandou para Lula.

Pelo menos isso

A Câmara dos Deputados aprovou Projeto de Lei que torna mais rígidas as penas aplicadas a crimes de furto e receptação de fios, cabos e equipamentos relacionados à prestação de serviços de energia elétrica e telecomunicações. A pena mínima passa de reclusão de 1 a 4 anos para 2 e 8 anos, incluindo os receptadores. Falta só a sanção presidencial. Em tese, pode desestimular os amadores quando souberem, mas para os organizados o lucro do furto vale a pena.

Pergunta interessante

O partido Novo questiona o governo por apenas focar em aumento de impostos para os mais ricos e não diminuir a carga para os mais pobres. Governo abrir mão da receita? Dá para usar uma metáfora aplicada no futebol: do umbigo para baixo tudo é canela.

Outro imposto

O Imposto Foreiro. É uma cobrança anual que o ocupante de um terreno (foreiro) paga ao proprietário, geralmente o Estado, pelo direito de uso do terreno. É como um aluguel pago pela posse do terreno, e corresponde a 0,6% do valor do terreno. Pois bem, as empresas de frente para o Guaíba com a Voluntários da Pátria e Mauá foram avisadas da majoração, que é uma paulada. Um deles pagava R\$ 1,6 mil e vai ter que desembolsar R\$ 12 mil.

Acordo no saneamento

O presidente da Fiergs, Claudio Bier, recebeu a diretora-presidente da Aegea/Corsan, Samanta Popow Takimi, e o diretor Fabiano Dallazen para tratar dos avanços e desafios das obras de saneamento básico no Estado. O encontro reforçou o interesse mútuo em ampliar a cooperação entre a Companhia e o setor industrial gaúcho.